

ENSAIO GERAL

NUNO RAMOS

ENSAIO GERAL

NUNO RAMOS

© Nuno Ramos, 2026

COORDENAÇÃO EDITORIAL Bárbara Tanaka e Guilherme Conde Moura Pereira

EDITORA-ASSISTENTE Juliana Sehn

OBRA DA CAPA Nuno Ramos

PROJETO GRÁFICO E CAPA Manoela Gonçalves Haas

DIAGRAMAÇÃO Bárbara Tanaka

PREPARAÇÃO DE TEXTO Guilherme Conde Moura Pereira

ICONOGRAFIA Guilherme Conde Moura Pereira e Juliana Sehn

COMUNICAÇÃO Hiago Rizzi

PRODUÇÃO Antonio Aragão, Letícia Delgado, Raul K. Souza e Sophia Martinez

CONSELHO EDITORIAL Edmilson de Almeida Pereira (UFJF), Eduardo Jorge (ETH Zurich), Flavia Trocoli (UFRRJ), Gustavo Silveira Ribeiro (UFMG), Izabela Leal (UFPA), Marcelo dos Santos (Unirio), Mauricio Mendonça Cardozo (UFPR), Raquel Stolf (Udesc) e Tiago Guilherme Pinheiro (UFSC)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ramos, Nuno

Ensaio geral : projetos, roteiros, ensaios, memória / Nuno Ramos.

— 2. ed. — Curitiba, PR: Telaranha, 2026.

ISBN 978-65-85830-44-7

1. Arte contemporânea brasileira 2. Ensaaios brasileiros 3. Literatura 4. Memórias I. Título.

CDD-869.94

26-356912.0

Índices para catálogo sistemático:

1. Ensaaios literários : Literatura brasileira 869.94

Camila Aparecida Rodrigues – Bibliotecária CRB – SP-010133/O

Direitos reservados à

TELARANHA EDIÇÕES

Rua Ébano Pereira, 269 – Centro

Curitiba/PR – 80410-240

(41) 3220-7365 | contato@telaranha.com.br

www.telaranha.com.br

Impresso no Brasil

Feito o depósito legal

2ª edição

Junho de 2026



SUMÁRIO

9 APRESENTAÇÃO / Nuno Ramos

15 Duas velas (um projeto de arte pública)

A TERRA (LITERATURA, CANÇÃO)

23 A terra (Euclides da Cunha)

29 Cova alta (um roteiro)

35 Aqui ali (Robinson Crusoe)

39 O canto suburbano de um moralista (a crônica esportiva de Nelson Rodrigues)

42 A noiva desnudada (o teatro de Nelson Rodrigues)

55 Antonico (um roteiro)

56 O morro não tem vez (para uma canção de Jobim e Vinicius)

64 Ao redor de Paulinho da Viola

74 Eu não sou água (um projeto de exposição)

82 O guardador de palavras (Alberto Caeiro)

84 Samuel fala (uma entrevista com Samuel Beckett)

À ESPERA DE UM SOL INTERNO (ARTE)

97 À espera de um sol interno (Hélio Oiticica)

119 Violência silêncio (Bruce Nauman)

122 Matthew Barney

134 O ferro futuro (Amílcar de Castro)

138 Vida maravilhosa (Paulo Monteiro e Philip Guston)

147 Agouro e libertação (Oswaldo Goeldi)

153 Mocambos (para Goeldi 3)

156 Deriva (Fábio Miguez)

165 A construção no vento (Mira Schendel)

171 Um mundo perfeito (Paulo Pasta)

175 Minuano (diário de um trabalho)

OS SUPPLICANTES (ESPORTE, FUTEBOL)

195 Os suplicantes (aspectos trágicos do futebol)

205 Placar final (projeto para um campo de futebol)

210 Considerações sobre o Divino (Ademir da Guia)

214 A vida e a vida de Eduardo Gonçalves (Tostão)

218 O mundo à revelia (Robinho e Ronaldinho Gaúcho)

220 Um gol de Reinaldo

222 Artistas da fome (o esporte amador no Brasil)

225 Toma! (um roteiro)

228 A luta (Muhammad Ali e George Foreman)

É ISTO UM HOMEM? (A COISA PÚBLICA)

237 É isto um homem? (um projeto de exposição)

239 El Olimpo (um projeto de arte pública)

247 Parque das Empenas (um projeto de arte pública)

253 As vezes (um projeto de arte pública)

256 "Fala fala fala fala" (sobre meu avô)

262 Ensaio sobre a dádiva (um roteiro)

DE GIRO EM GIRO (A PARTE MALDITA)

273 De giro em giro (um roteiro)

283 Dois monólogos (um projeto de exposição)

291 Minha fantasma (um diário)

319 POSFÁCIO / Gustavo Silveira Ribeiro

339 AGRADECIMENTOS

341 ÍNDICE REMISSIVO

349 CRÉDITOS DAS IMAGENS

Este livro reúne ensaios e um pouco mais. Alguns deles produzidos por iniciativa própria, outros sob encomenda, a partir de temas ou de datas específicas, e em formatos diversos. Alguns, portanto, respondem à ordem do improviso; outros são mais meditados e desenvolvidos, sucedendo muitas vezes a palestras e debates. Cobrem uma gama razoavelmente grande de assuntos – futebol, arte, canção, literatura. Não sendo, no entanto, remotamente especialista em nenhuma destas áreas, e tendo lido muito menos do que deveria para abordá-las, acabei me fiando naquilo que verdadeiramente me acompanhou e formou ao longo dos anos – a *conversa*, com amigos próximos ou nem tanto, em casa ou no restaurante, falando baixo ou falando alto, em português ou em inglês ruim. É o ato de conversar que está na base destes ensaios, com todo o sonho frágil de harmonia, de democracia profunda que há numa conversa.

São textos que devem demais à *tradição crítica* que envolve a produção plástica brasileira desde os anos 50, e que se distingue nitidamente de nosso ensaísmo literário. Caracterizada pela empatia extrema com seu objeto, a um só tempo lugar da obra e seu outro, nossa melhor crítica, do Neoconcretismo aos dias atuais, ofereceu às obras com as quais se relacionou as margens simultâneas e quase opostas de um espelho poético e de uma baliza crítica. É difícil imaginar a força da arte brasileira contemporânea sem este impulso crítico-poético, sem esta *promiscuidade* entre poesia e crítica (mas que não se desligou nunca, em especial através da seleção dos artistas que realmente contavam, da tarefa de formação de um meio rigoroso). Este projeto, que teve força constitutiva do Neoconcretismo aos anos 90, parece estar se desfazendo aos poucos, substituído por mecanismos variados de institucionalização das obras de arte. Conforme encontram lugar no mundo (e, com todos os percalços, não há dúvida que isto vem ocorrendo também entre nós), as obras de arte não se desdobram com a mesma naturalidade nos textos que as sustentavam e criticavam – e estes, por sua vez, contam agora com uma distância de onde olhar as obras que não possuíam antes. Esta mimese circular entre obra e crítica – que não se desenvolvia necessariamente entre um crítico e um artista, através de textos, mas também diretamente entre artistas, através de conversas – impulsionou a

potência poética de inúmeros trabalhos. Conforme este circuito vai sendo substituído pelo desencanto institucional – de um lado permeável a novos interesses, de outro mais impessoal e neutro –, uma situação bastante diversa vai se formando. Os ensaios que o leitor encontrará aqui, embora não tratem apenas de arte, querem manter-se conectados com esta espécie de paráfrase poética que marcou nossa melhor produção crítica nos últimos cinquenta anos. Representam, talvez, uma forma tardia desta sociabilidade amadora, extremamente sugestiva e móvel, que estava na base da produção artística e crítica brasileira dos anos 50 em diante, e de que nos afastamos rapidamente.

Escritos a partir de 1994, selecionei 22 ensaios sobre arte, canção, literatura, esporte e futebol, aqui publicados junto com três projetos de exposição ligados à palavra (“Dois monólogos”, “É isto um homem?” e “Eu não sou água”),¹ cinco projetos de arte pública (“Duas velas”, “El Olimpo”, “Parque das Empenas”, “As vezes” e “Placar final”), cinco roteiros ou pré-roteiros para filmes (“Antonico”, “Cova alta”, “Ensaio sobre a dádiva”, “De giro em giro” e “Toma!”) e três escritos a partir da memória (“Fala fala fala fala”, “Minuano” e “Minha fantasma”).² Achei que seria enriquecedor avizinhar este conjunto de trabalhos. Muitas vezes, o interesse por um artista ou por um escritor rebate num projeto de exposição ou de filme, e a passagem entre estes mundos talvez sugira uma *simultaneidade poética*, capaz de atravessar linguagens diferentes, de que procuro me aproximar em tudo o que faço. Utilizei aqui (à diferença dos ensaios e dos textos de memória, quase todos publicados anteriormente) apenas material inédito, projetos que sonhei mas não consegui efetivar. As três primeiras partes foram, assim, organizadas a partir do tema dos ensaios – “A terra (Literatura e canção)”; “À espera de um sol interno (Arte)”; e “Os suplicantes (Esporte e futebol)” –, anexando roteiros, projetos ou memórias que os enriquecessem. As duas últimas partes – “É isto um homem? (A coisa pública)” e “De giro em giro (A parte maldita)” – não contêm ensaios, somente textos dos outros grupos.

1. Chamo este conjunto de trabalhos, que utilizam vozes gravadas, de “Fala”. Os trabalhos “A morte das casas”, exposto no CCBV de São Paulo em 2004, “Carolina” e “Vai, vai”, expostos no Instituto Tomie Ohtake de São Paulo em 2006, e “Ai de mim!”, exposto na Galeria Fortes Vilaça no mesmo ano, não publicados aqui, pertencem a este grupo, e podem ser encontrados nos catálogos destas exposições.

2. Há ainda duas homenagens: “Mocambos”, para Oswald Goeldi, e “O morro não tem vez”, para Vinicius e Tom Jobim, além de uma entrevista fictícia com Samuel Beckett (“Samuel fala”).

Tratam de dois extremos quase opostos: no primeiro, da tentativa de produzir e pensar obras em escala pública ou da lembrança de um homem público, e político, que foi meu avô; no segundo, da intimidade, às vezes extremamente sofrida, de alguns projetos e de um episódio pessoal.

Não foi fácil para mim escolher esta forma híbrida, mas quis, de fato, ainda uma vez, procurar uma passagem capaz de fazer destes textos parte de um desenho que vai se espalhando para além deles: o meu trabalho de arte como um todo. A própria gama aberta de assuntos de que os ensaios tratam já continha um pouco deste impulso, e achei natural acrescentar voltagem a esta característica. Há talvez uma promessa aqui, surpreendida na passagem entre dois rochedos, na junção entre duas datas, no laço frágil entre duas temperaturas. Esta passagem é o que me move, e este livro, com elementos diferentes, é uma tentativa de explorá-la e ampliá-la. Por exemplo: que um texto sobre “A terra”, de Euclides da Cunha, possa refletir-se no roteiro de um filme onde um boi morto é colocado num ataúde a trinta metros de altura, oferecido às aves (“Cova alta”); que um projeto de exposição envolvendo um pierrô, onde caixas de som que vão se enchendo d’água, como que se afogando, utilizam versos de canções clássicas (“Eu não sou água”), possa enriquecer um ensaio sobre Paulinho da Viola, são possibilidades e atalhos que descobri organizando este livro. Acho que meu trabalho circunda seus núcleos valendo-se de *personas* bastante distintas, e procurei aqui botar algumas delas em contato – daí o título, *Ensaio geral*.

Para quem produz cultura no Brasil, há sempre, de um lado, as tentações da ausência de especialização, um sentimento de que tudo ainda está por ser feito, responsável pelo entusiasmo presente em algumas de nossas figuras intelectuais e em alguns de nossos momentos culturais decisivos. De outro, há um cansaço complementar e renitente, devido à inconclusão e impermanência de tudo e de todos, um sentimento de que a pedra que arrastamos não descansará jamais no alto da montanha. Como nada se fixa de todo e nenhuma conquista consegue enraizar-se, parece que estamos condenados a um eterno presente curiosamente intransitivo, voltado para si mesmo, descolado do que veio antes e do que deveria vir depois. Diante destes extremos, e de alguma forma mimetizando-os, acho que procurei,

ao longo dos anos, manter meu trabalho numa espécie de latência, pronto para direcionar-se para sentidos quase opostos. Daí suas múltiplas identidades e o espectro quase contraditório de suas aparências – próximas do luto e da alegria, por exemplo. Daí seus materiais literalmente escorregadios, deslizantes, nunca secos. Daí que, embora tenha mais de vinte anos, meu trabalho permaneça decididamente “em formação”. Esta espécie de hesitação constitutiva talvez seja o seu motor mais verdadeiro.

Faz parte deste projeto a conquista de vozes diversas, nem sempre perfeitamente compatíveis entre si. *Juntou? Formou?* Foram estas perguntas, presentes em quase tudo o que faço, que me deram aflição, e às vezes alegria, enquanto tentava organizar as “vozes” deste livro. Sei que a diversidade e o citacionismo estilísticos são uma característica central de grande parte da arte contemporânea. Por força de origem, no entanto, trabalho com uma ideia de cultura como algo ainda não formado, avesso a qualquer culturalismo. O mundo a que tenho acesso não é fixo o suficiente para que possa ser recortado, e depois colado. Além do mais, dada a desmesura atual, nos países desenvolvidos, entre as instituições e as próprias obras, que ficam um pouco como K. diante de seu Castelo, brincar de estilos ou oferecer a Arte aos discursos que a circundam torna-se, muitas vezes, por parte dos artistas, quase uma senha de inofensividade e de bom comportamento. Ainda mais que no Brasil os próprios estilos, o próprio Castelo e as próprias causas a que a Arte estaria se oferecendo fazem parte do ciclo de Sísifo, da pedra que rola ladeira abaixo antes de conseguir fixar-se, e nascem assim já desabados e magmáticos, em meio ao movimento de seu próprio tombo. Captá-los, então, não será tanto colar discursos socialmente pré-constituídos (como fizeram a Pop e o Pós-Modernismo), mas apanhar destroços no ar, antes que se despedacem completamente.

Muito da melhor arte brasileira reagiu a isto, contrapondo a esta dispersão e violência sociais uma grande coesão interna. É curioso como a maior parte de nossos experimentalismos é coesa e não-contraditória, voltando sua energia para um retorno algo narcísico, de que se orgulha. Assim, em meio ao desbarrancamento de tudo, oferecem a sua visão do paraíso – o próprio ciclo do retorno. Ao invés da teleologia própria das vanguardas construtivas, o impulso vem aqui de uma espécie de energia reaprisionada, que se empregou mas não se deixou ir embora, uma alteridade guardada, pronta para ser acionada novamente. Muito da pureza do Construtivismo

brasileiro vem deste mecanismo de retorno, e não é à toa que a fita de Moebius (aberta ao infinito por Lygia Clark) oferece a sua imagem perfeita.

Apesar de identificar-se com esta linhagem, meu trabalho, para mal e para bem, parece ter adiado a tal ponto esta ideia de retorno que às vezes ameaça perdê-la de vez. Sempre que procuro organizar minha produção, seja em que área for, é com esta questão de uma unidade fugidia e deslizante que me deparo – a que grupo pertence este trabalho? Será que comunica melhor com este filme, com aquele mármore ou com aquele conto? Embora haja diferentes níveis de “fixação”, o movimento do trabalho, como um todo, é o de escorregar para a frente, mimetizando assim o próprio Sísifo, citado acima.

Acredito que este livro, em especial no que diz respeito aos ensaios, introduz uma voz nova neste quadro. Pois, para um artista, escrever sobre os outros é, em si mesmo, uma heteronomia. Há uma generosidade de recepção quase espantosa na produção crítica (inclusive quando o juízo é negativo), a que as identificações inevitáveis de quem produz o próprio trabalho muitas vezes veda o acesso. Se nem sempre me senti à altura desta generosidade, foi a possibilidade de estar perto dela que me deu prazer ao escrever estes ensaios: *elogiar, falar bem, exaltar a potência e a verdade da arte, quer ela esteja numa tela de Paulo Pasta ou num drible de Robinho – ou mesmo num episódio da minha vida. Acho que foi esta constatação, de que a arte no final dá a volta por cima, da forma mais surpreendente e imprevisível, que redescobri ao escrever estes textos – como uma espécie de reparo à derrisão da vida brasileira, que faz às vezes duvidar de tudo.*

O título da última, e mais pessoal, parte deste livro – “De giro em giro (A parte maldita)”³ –, remete ao percurso progressivo entre mundos diferentes e ao desejo de retornar, que gostaria de ver como uma energia de fundo, ecoando pelo meu trabalho como um todo. Mas remete também, mais prosaicamente, ao movimento circular das aves predatórias, em sua paciente aproximação ao alvo. É assim que vejo a arte, hoje. Depois de deixar-se caçar, anos a fio, pelos mais diversos discursos e instituições, está mais do que na hora de transformar-se de presa em predador, fazendo sentir sua mordida em quem a hipnotizava.

3. Tirado de um verso do “Inferno” de Dante e do título de um livro de Georges Bataille.